


Antonio Hohlfeldt
Luiz C. Martino
Vera Veiga França
(Organizadores)

TEORIAS DA COMUNICAÇÃO

TEORIAS DA COMUNICAÇÃO

Conceitos, escolas e tendências

 EDITORA
VOZES

Este volume desenvolve os diferentes conteúdos da disciplina de Teoria da Comunicação, tal como ela é, de modo geral, abordada em nossas Faculdades de Comunicação Social.

Escrito por nove diferentes professores, oriundos de cinco diferentes universidades brasileiras, é uma experiência absolutamente pioneira e múltipla.

Trata-se do primeiro livro de autores brasileiros a estudar o tema específico da Teoria da Comunicação, tal como ele é desenvolvido na Graduação dos cursos de Comunicação Social. É um livro escrito em equipe e que, portanto, apresenta diferentes enfoques para os vários temas que aborda. Por fim, é pioneiro porque se propõe como um livro em processo, ou seja, não se trata de um livro acabado, mas uma obra que deve servir como base e aprofundamento de leitura para professores e alunos, além de, naturalmente, servir a todos aqueles que se interessarem pelo tema.

Dividido em duas grandes partes, *Teorias da comunicação* fala, num primeiro momento, da epistemologia e das origens do fenômeno comunicacional, através de cinco textos que buscam, antes de mais nada, definir o campo de trabalho; depois, abordar a interdisciplinariedade entre a

TEORIAS DA COMUNICAÇÃO

316.77(09)
T314
00053057
UB020769



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Teorias da comunicação : conceitos, escolas e tendências
(organizadores) Antonio Hohlfeldt, Luiz C. Martino,
Vera Veiga França. 11. ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2011.

ISBN 978-85-326-2615-8

1. Comunicação I. Hohlfeldt, Antonio II. Martino,
Luiz C. III. França, Vera Veiga.

01.3139

CDD-302.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Comunicação : Teoria : Sociologia 302.2
2. Teoria da comunicação : Sociologia 302.2

Antonio Hohlfeldt, Luiz C. Martino e Vera Veiga França
(organizadores)

TEORIAS DA COMUNICAÇÃO

Conceitos, escolas e tendências

ESTE LIVRO É PATRIMÔNIO CULTURAL DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
ZELE E TENHA O MÁXIMO CUIDADO COM
ELE, PORQUE APÓS VOCÊ, OUTROS
PRECISARÃO USÁ-LO TAMBÉM.

 EDITORA
VOZES

Petrópolis

UNIPAMPA
Biblioteca CCS/SP

© 2001, Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luís, 100
25689-900 Petrópolis, RJ
Internet: <http://www.vozes.com.br>
Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Editoração e org. literária: Renato Kirchner
Capa: Marta Braiman

ISBN 978-85-326-2615-8

Editado conforme o novo acordo ortográfico.

chamada:	316.77(09) T314
cod barras:	UB020769
local:	SAOBORJA
inclusão:	29/10/2012
n controle:	00053057

Este livro foi composto e impresso pela Editora Vozes Ltda.

SUMÁRIO

Introdução, 7

PARTE I: EPISTEMOLOGIA E ORIGENS HISTÓRICAS DO FENÔMENO

1. De qual comunicação estamos falando?, 11
Luiz C. Martino
2. Interdisciplinaridade e objeto de estudo da comunicação, 27
Luiz C. Martino
3. O objeto da comunicação/A comunicação como objeto, 39
Vera Veiga França
4. As origens antigas: A comunicação e as civilizações, 61
Antonio Hohlfeldt
5. As origens recentes: os meios de comunicação pelo viés do paradigma da sociedade de massa, 99
Giovandro Marcus Ferreira

PARTE II: CORRENTES TEÓRICAS, PARADIGMAS E TENDÊNCIAS

1. A pesquisa norte-americana, 119
Carlos Alberto Araújo
2. A Escola de Frankfurt, 131
Francisco Rüdiger

5. Herbert Marcuse na Universidade Livre de Berlim (13/05/68)

Marcuse argumentou brilhantemente a favor de uma nova prática política, aberta à dimensão da sensualidade, da fantasia e do desejo. Sempre defendeu a rebelião contra o todo, o salto qualitativo, a ruptura com o contínuo da História (Jürgen Habermas).

3. OS ESTUDOS CULTURAIS

Ana Carolina Escosteguy*

Este texto tem por objetivo apresentar a tradição dos Estudos Culturais¹, especialmente, àqueles que se iniciam no estudo das teorias da comunicação. Assim, é preciso percorrer a trajetória dessa perspectiva teórico-metodológica, das suas origens até a atualidade. Entretanto, é necessário estabelecer um recorte dentro desse vasto empreendimento, diversificado e controverso dos Estudos Culturais. Dado o propósito geral da presente coletânea, esta apresentação privilegia as conexões com os *mass media* e a cultura popular dentro do amplo espectro compreendido por essa tradição.

Vale lembrar que os *mass media* e a cultura popular são recortes para refletir sobre a esfera cultural como um campo de relações estruturadas pelo poder e por diferenças sociais, sendo portanto um equívoco reduzir o projeto dos Estudos Culturais a um modelo de comunicação, pois os questionamentos propostos por essa tradição extrapolam o campo da comunicação. Ressalta-se, ainda, que esta apresentação é apenas introdutória ao tema e nela estão indicadas inúmeras referências bibliográficas fundamentais que servem tanto para preencher as lacunas deste percurso como para aprofundar o conhecimento sobre os Estudos Culturais.

* Professora da PUCRS.

1. Embora no contexto anglo-americano a expressão *cultural studies* implique o uso de minúsculas, aqui, preferi traduzi-la, utilizando maiúsculas. Entretanto, quando a mesma denominação aparece em citações em inglês, mantenho o uso das minúsculas conforme o original.

1. Uma narrativa sobre a formação dos Estudos Culturais

O relato que segue compõe a narrativa dominante sobre as origens dos Estudos Culturais britânicos, embora não se desconheça sua atual problematização. O campo dos Estudos Culturais surge, de forma organizada, através do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), diante da alteração dos valores tradicionais da classe operária da Inglaterra do pós-guerra. Inspirado na sua pesquisa, *The Uses of Literacy*² (1957), Richard Hoggart funda em 1964 o Centro. Ele surge ligado ao English Department da Universidade de Birmingham, constituindo-se num centro de pesquisa de pós-graduação da mesma instituição. As relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais, vão compor o eixo principal de observação do CCCS.

Três textos, que surgiram nos final dos anos 50, são identificados como as fontes dos Estudos Culturais: Richard Hoggart com *The Uses of Literacy* (1957), Raymond Williams com *Culture and Society*³ (1958) e E.P. Thompson com *The Making of the English Working-class*⁴ (1963). O primeiro é em parte autobiográfico e em parte história cultural do meio do século XX. O segundo constrói um histórico do conceito de cultura, culminando com a ideia de que a “cultura comum ou ordinária” pode ser vista como um modo de vida em condições de igualdade de existência com o mundo das artes, literatura e música. E o terceiro reconstrói uma parte da história da sociedade inglesa de um ponto de vista particular – a história “dos de baixo”.

2. Cf. HOGGART, R. *As utilizações da cultura – Aspectos da vida cultural da classe trabalhadora*. Vol. I e II. Lisboa: Editora Presença, 1973 [1957].

3. Cf. WILLIAMS, R. *Cultura e sociedade 1780-1950*. São Paulo: Ed. Nacional, 1969 [1958].

4. Cf. THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987 [1963].

Na pesquisa realizada por Hoggart⁵, o foco de atenção recai sobre materiais culturais, antes desprezados, da cultura popular e dos meios de comunicação de massa, através de metodologia qualitativa. Esse trabalho inaugura o olhar de que no âmbito popular não existe apenas submissão, mas também resistência, o que, mais tarde, será recuperado pelos estudos de audiência dos meios massivos. Tratando da vida cultural da classe trabalhadora, transparece nesse texto um tom nostálgico em relação a uma cultura orgânica dessa classe.

A contribuição teórica de Williams⁶ é fundamental para os Estudos Culturais a partir de *Culture and Society* (1958). Através de um olhar diferenciado sobre a história literária, ele mostra que *cultura* é uma categoria-chave que conecta a análise literária com a investigação social. Seu livro *The Long Revolution* (1961) avança na demonstração da intensidade do debate contemporâneo sobre o impacto cultural dos meios massivos, mostrando um certo pessimismo em relação à cultura popular e aos próprios meios de comunicação.

Em relação à contribuição de Thompson⁷, pode-se dizer que ele influencia o desenvolvimento da história social britânica de dentro da tradição marxista. Para ambos, Williams e Thompson, cultura era uma rede vivida de práticas e relações que constituíam a vida cotidiana, dentro da qual o papel do indivíduo estava em primeiro plano. Mas, de certa forma, Thompson resistia ao entendimento de cultura enquanto uma

5. Nasceu em 1918, passando sua infância no meio operário, sua origem. No final da 2ª Guerra, ingressa na docência, trabalhando com formação de adultos do meio operário (Worker's Education Association – WEA). Influenciado por Leavis e a revista *Scrutiny*, acaba afastando-se destes por dedicar-se às culturas populares de um modo mais condescendente. Fundador do Centro (CCCS), hoje encontra-se, de certa forma, distante das evoluções político-intelectuais dos Estudos Culturais dos anos 90.

6. Nasceu no País de Gales (1921-1988), filho de um ferroviário. No final da 2ª Guerra passa a ser tutor na Oxford University Delegacy for Extra-Mural Studies devido à sua formação em literatura. A partir de 1958, quando publica *Culture and Society* (1958), dá vazão à sua produção intelectual. Sua posição teórica será sintetizada em *Marxism and Literature* (1977), quando reivindica a construção de um “materialismo cultural”.

7. Thompson (1924-1993) inicia sua vida como docente de um centro de educação permanente para adultos (WEA). Foi militante do Partido Comunista, mas, em 1956, rompe com o partido, convertendo-se em um dos fundadores da *New Left Review*.

forma de vida global. Em vez disso, preferia entendê-la enquanto um enfrentamento entre modos de vida diferentes⁸.

Esses quatro textos, recém-mencionados, foram seminais para a configuração dos Estudos Culturais. Entretanto, Hall (1996b: 32) ressalta que

“eles não foram, de forma alguma, ‘livros didáticos’ para a fundação de uma nova subdisciplina acadêmica: nada poderia estar mais distante de seu impulso intrínseco. Quer fossem históricos ou contemporâneos em seu foco, tais textos eram, eles próprios, focalizados pelas pressões imediatas do tempo e da sociedade na qual foram escritos, organizados através delas, além de serem elementos constituintes de respostas a essas pressões.

Embora não seja citado como membro do trio fundador, a importante participação de Stuart Hall⁹ na formação dos Estudos Culturais britânicos é unanimemente reconhecida. Avalia-se que ao substituir Hoggart na direção do Centro, de 1968 a 1979, incentivou o desenvolvimento da investigação de práticas de resistência de subculturas e de análises dos meios massivos, identificando seu papel central na direção da sociedade; exerceu uma função de “aglutinador” em momentos de intensas distensões teóricas e, sobretudo, destravou debates teórico-políticos, tornando-se um “catalisador” de inúmeros projetos coletivos¹⁰.

8. A ausência de uma ênfase na questão do enfrentamento entre classes sociais distintas, a negligência em relação a leituras alternativas e formas culturais de oposição, a primazia dada ao processo de comunicação sobre uma análise do poder e a atitude de esquivar-se de dar conta do problema da ideologia são as questões apontadas por Thompson como limitadoras na argumentação de Williams.

9. De origem jamaicana, Hall (1932-) deixa sua terra natal, em 1951, para prosseguir seus estudos na Inglaterra. Inicia a docência, em 1957, numa escola secundária onde os alunos vêm das classes populares. Tem uma forte atuação junto ao meio editorial político-intelectual britânico, como, por exemplo, na *Universities and Left Review* (décadas 50/60), *Marxism Today* (anos 80), *Sounding* (a partir de 1995), entre outras. A partir de 1979, atua na Open University, em Londres.

10. O reconhecimento do impacto do seu trabalho no desenvolvimento dos Estudos Culturais está em parte documentado em Morley e Chen (1996).

Enfim, esses são os principais atores e uma perspectiva da história do início da configuração desse campo de estudos. Em contraposição a essa versão dominante, afirma-se que em outras localidades e em outros momentos podem ser identificadas “outras” origens para os Estudos Culturais. A existência de diferenças nacionais e a confluência de um conjunto particular de propostas de cunho teórico-político geraram outros exemplos de Estudos Culturais que desestabilizam a narrativa sobre *uma* origem centrada, sobretudo, em Birmingham, na Inglaterra¹¹.

2. Os princípios fundadores do projeto

É importante ressaltar que os três autores citados como os fundadores do campo dos Estudos Culturais, embora não tenham uma intervenção coordenada entre si, revelam um leque comum de preocupações que abrangem as relações entre cultura, história e sociedade. Apesar de existirem desacordos entre os considerados “pais fundadores” dos Estudos Culturais – Williams, Thompson e Hoggart – é mais significativo para a constituição dessa tradição destacar os pontos de vista compartilhados entre eles.

O que os une é uma abordagem que insiste em afirmar que através da análise da cultura de uma sociedade – as formas textuais e as práticas documentadas de uma cultura – é possível reconstituir o comportamento padronizado e as constelações de ideias compartilhadas pelos homens e mulheres que produzem e consomem os textos e as práticas culturais daquela sociedade. É uma perspectiva que enfatiza a “atividade humana”, a produção ativa da cultura, ao invés de seu consumo passivo (STOREY, 1997: 46, grifo meu).

11. Cf. Ang e Straton, 1996; Frow e Morris, 1993; Schwarz, 1994; Wright, 1998, entre outros.

Na verdade, é uma concepção particular de cultura que gera a singularidade do projeto dos Estudos Culturais e seu enfoque sobre a dimensão cultural contemporânea. Para Agger (1992: 89),

o grupo do CCCS amplia o conceito de cultura para que sejam incluídos dois temas adicionais. Primeiro: a cultura não é uma entidade monolítica ou homogênea, mas, ao contrário, manifesta-se de maneira diferenciada em qualquer formação social ou época histórica. Segundo: a cultura não significa simplesmente sabedoria recebida ou experiência passiva, mas um grande número de intervenções ativas – expressas mais notavelmente através do discurso e da representação – que podem tanto mudar a história quanto transmitir o passado. Por acentuar a natureza diferenciada da cultura, a perspectiva dos estudos culturais britânicos pode relacionar a produção, distribuição e recepção culturais a práticas econômicas que estão, por sua vez, intimamente relacionadas à constituição do sentido cultural.

Essa afirmação salienta que o grupo de pesquisadores que originalmente caracterizou essa tradição analisa as práticas culturais simultaneamente como formas materiais e simbólicas. Logo, postula-se que a criação cultural se situa no espaço social e econômico, dentro do qual a atividade criativa é condicionada.

Porém, os Estudos Culturais atribuem à cultura um papel que não é totalmente explicado pelas determinações da esfera econômica. A relação entre marxismo e os Estudos Culturais inicia-se e desenvolve-se através da crítica de um certo reducionismo e economicismo daquela perspectiva, resultando na contestação do modelo base-superestrutura. A perspectiva marxista contribuiu para os Estudos Culturais no sentido de compreender a cultura na sua “autonomia relativa”, isto é, ela não é dependente das relações econômicas, nem seu reflexo, mas tem influência e sofre consequências das relações político-econômicas. Existem várias forças determi-

nantes – econômica, política e cultural – competindo e em conflito entre si, compondo aquela complexa unidade que é a sociedade.

A operacionalização de um conceito expandido de cultura, isto é, que inclui as formas nas quais os rituais da vida cotidiana, instituições e práticas, ao lado das artes, são constitutivos de uma formação cultural, rompeu com um passado em que se identificava cultura apenas com artefatos. A extensão do significado de cultura – de textos e representações para práticas vividas e suas implicações na rígida divisão entre níveis culturais distintos – propiciou considerar em foco toda produção de sentido. E, ao enfatizar a noção de cultura como prática, se dá relevo ao sentido de ação, de agência na cultura.

No momento em que os Estudos Culturais prestam atenção a formas de expressão culturais não tradicionais se descentra a legitimidade cultural. Em consequência, a cultura popular alcança legitimidade, transformando-se num lugar de atividade crítica e de intervenção. Dessa forma, a consideração sobre a pertinência de analisar práticas que tinham sido vistas fora da esfera da cultura inspirou a geração que desenvolveu os Estudos Culturais, principalmente, a partir dos anos 60. Logo, os Estudos Culturais construíram uma tendência importante da crítica cultural que questiona o estabelecimento de hierarquias entre formas e práticas culturais, estabelecidas a partir de oposições como cultura alta/baixa, superior/inferior, entre outras binariedades.

Em síntese, os princípios que se constituem em pilares do projeto dos Estudos Culturais são:

a identificação explícita das culturas vividas como um projeto distinto de estudo, o reconhecimento da autonomia e complexidade das formas simbólicas em si mesmas; a crença de que as classes populares possuíam suas próprias formas culturais, dignas de nome, recusando todas as denúncias, por parte da chamada alta cultura, do barbarismo das camadas sociais mais baixas; e a insistência em que o estudo da cultura não poderia ser confi-

nado a uma disciplina única, mas era necessariamente inter, ou mesmo antidisciplinar (SCHWARZ, 1994: 380).

Tendo como ponto de partida um conjunto de proposições que à primeira vista mostra-se tão amplo quanto aberto a entendimentos diversos, conclui-se que, se a versão britânica sobre as origens e constituição desse projeto não apresenta implicitamente uma posição teórica unificada, também não é composta por um conjunto tão díspar que não apresente uma unidade. Indagar-se sobre “a unidade na diferença” é reconhecer que essa responde a condições particulares – a um contexto intelectual, político, social e histórico específico.

As peculiaridades do contexto histórico britânico, abrangendo desde a área política ao meio acadêmico, marcaram indelevelmente o surgimento desse movimento teórico-político. Os Estudos Culturais ressaltaram os nexos existentes entre investigação e formações sociais onde se desenrola a própria pesquisa.

Os estudos culturais não dizem respeito apenas ao estudo da cultura. Nunca pretenderam dizer que a cultura poderia ser identificada e analisada de forma independente das realidades sociais concretas dentro das quais existem e a partir das quais se manifestam (BLUNDELL et al., 1993: 2).

Deve-se, também, acentuar o fato de que os Estudos Culturais britânicos devem ser vistos tanto do ponto de vista político, na tentativa de constituição de um projeto político, quanto do ponto de vista teórico, isto é, com a intenção de construir um novo campo de estudos. A partir dessa dupla agenda é que os Estudos Culturais britânicos devem ser pensados.

Do ponto de vista político, são sinônimo de “correção política” (JAMESON, 1994), podendo ser identificados com a política cultural dos vários movimentos sociais da época de seu surgimento. Por esta razão, sua proposta original é considerada por alguns como sendo mais política do que analítica.

Pela perspectiva teórica, resultam da insatisfação com os limites de algumas disciplinas, propondo, então, a in-

ter/trans ou, ainda para alguns, a antidisciplinaridade¹². Isto não impediu, entretanto, que em alguns lugares tenham se institucionalizado¹³.

Os Estudos Culturais não configuram uma “disciplina”, mas uma área onde diferentes disciplinas interatuam, visando o estudo de aspectos culturais da sociedade. Tal área, segundo um grupo de pesquisadores do Centro de Birmingham que atuou, principalmente, nos anos 70, não se constitui numa nova disciplina, mas resulta da insatisfação com algumas disciplinas e seus próprios limites (HALL et al., 1980: 7). É um campo de estudos em que diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea, constituindo um trabalho historicamente determinado.

Em termos de disciplinas, no seu primeiro momento de formação, o encontro entre literatura inglesa, sociologia e história propiciou pensar uma conexão entre três níveis distintos. A primeira contribuiu com a preocupação em relação às formas culturais populares, assim como com textos e textualidades, estes últimos podendo estar situados além da linguagem e literatura¹⁴; à sociologia atribui-se o exame da reprodução estrutural e da subordinação e da história vem o interesse da “história de baixo” e, também, o reconhecimento da história oral e da memória popular.

Na realidade, os Estudos Culturais britânicos se constituíram na *tensão* entre demandas teóricas e políticas. Embora sustentassem um marco teórico específico (não obstante, heterogêneo), amparado principalmente no marxismo, a história desse campo de estudos esteve entrelaçada com a trajetória

12. A configuração disciplinar ou antidisciplinar dos Estudos Culturais compõe a agenda contemporânea de seus praticantes. Cf. tb., Wright (1998) e McNeil (1998).

13. O exemplo mais antigo é o do próprio CCCS da Universidade de Birmingham, que se transformou, em 1988, em Departamento de Estudos Culturais da Faculdade de Comércio e Ciências Sociais e, em 1997, foi renomeado Estudos Culturais e Sociologia. Contudo, isto não quer dizer que tenham perdido seu caráter “inter ou transdisciplinar”.

14. Quer dizer, amplia-se a noção de texto para abarcar a “experiência vivida”, dando atenção aos sentidos instituídos na vida cotidiana de culturas particulares ou subculturas.

ria da New Left, de alguns movimentos sociais (Worker's Educational Association, Campaign for Nuclear Disarmament, etc.) e de publicações – entre elas, a *New Left Review* – que surgiram em torno de respostas políticas à esquerda. Ressalta-se, ainda, nas suas origens, um forte laço com o movimento de educação de adultos em salas de aula não convencionais (SCHULMAN, 1999).

3. Os objetos de estudo e o encontro entre feminismo e Estudos Culturais

A multiplicidade de objetos de investigação também caracteriza os Estudos Culturais. Isto resulta da convicção de que é impossível abstrair a análise da cultura das relações de poder e das estratégias de mudança social. A ausência de uma síntese completa sobre os períodos, enfrentamentos políticos e deslocamentos teóricos contínuos de método e objeto faz com que, de forma geral e abrangente, o terreno de sua investigação circunscreva-se aos temas vinculados às culturas populares e aos meios de comunicação de massa e, posteriormente, a temáticas relacionadas com as identidades, sejam elas sexuais, de classe, étnicas, geracionais, etc. Mas é necessário esperar até os anos 70, principalmente, com a implantação da publicação periódica dos *Working Papers*, para que a produção científica do Centro passe a ter visibilidade e repercussão.

Numa tentativa de reconstituir uma narrativa histórica sobre os interesses e temáticas que predominaram nesse campo de estudos, podem-se identificar alguns momentos bem diferenciados. No início dos anos 70, o desenvolvimento mais importante concentrou-se em torno da emergência de várias subculturas que pareciam resistir a alguns aspectos da estrutura dominante de poder. E, a partir da segunda metade dessa mesma década, percebe-se a importância crescente dos meios de comunicação de massa, vistos não somente como entretenimento, mas como aparelhos ideológicos do Estado.

Nessa época, os estudos das culturas populares pretendiam responder a indagações sobre a constituição de um sistema de valores e de um universo de sentido, sobre o problema de sua autonomia e, também, como esses mesmos sistemas contribuem para a constituição de uma identidade coletiva e como se articulam as dimensões de resistência e subordinação das classes populares (por exemplo, CLARKE, HALL et al., 1975; HALL et al., 1978; MCROBBIE, 1989; HEBDIGE, 1988 & WILLIS, 1977).

Já o estudo dos meios de comunicação caracterizava-se pelo foco na análise da estrutura ideológica, principalmente, da cobertura jornalística. Esta etapa foi denominada por Hall (1982) de “redescoberta da ideologia”, sendo que uma das premissas básicas desta fase pressupunha que os efeitos dos meios de comunicação podiam ser deduzidos da análise textual das mensagens emitidas pelos próprios meios.

Ainda nessa década, a temática da recepção e a densidade dos consumos mediáticos começam a chamar a atenção dos pesquisadores de Birmingham, ou melhor, do CCCS. Esse tipo de reflexão acentua-se a partir da divulgação do texto “Encoding and decoding in the television discourse”¹⁵, de Stuart Hall, publicado pela primeira vez em 1973.

Depois de um período de preocupação com análises textuais dos meios massivos, tais estudos de audiências começam a ser desenvolvidos como uma tentativa de verificar empiricamente tanto as diversas leituras ideológicas construídas pelos próprios pesquisadores quanto as posições assumidas pelo receptor¹⁶. Porém, é na segunda metade dos anos 80 e já não mais circunscrito às investigações do CCCS, que se nota uma clara mudança de interesse do que está acontecen-

15. Este texto tem diversas versões. A primeira delas aparece no CCCS, *Stencilled Paper*, 7, 1973. Cf. HALL et al., 1980.

16. Produzido, ainda, dentro do CCCS, o trabalho de Hobson (Dorothy (1978). *A Study of Working Class Women at Home: Femininity, Domesticity and Maternity*, MA, Thesis, University of Birmingham [Publicado apenas parcialmente em HALL et al. (1980), é um exemplo desse deslocamento].

do na tela para o que está na frente dela, ou seja, do texto para a audiência.

Entretanto, ainda nos anos 70, o trabalho em torno das diferenças de gênero, através do feminismo que irrompe em cena, e os desenvolvimentos em torno da ideia de “resistência”, também marcam o período. Hall (1996a) aponta o feminismo como uma das rupturas teóricas decisivas que alterou uma prática acumulada em Estudos Culturais, reorganizando sua agenda em termos bem concretos. Desta forma, destaca sua influência nos seguintes aspectos: a abertura para o entendimento do âmbito pessoal como político e suas consequências na construção do objeto de estudo dos Estudos Culturais; a expansão da noção de poder que, embora bastante desenvolvida, tinha sido apenas trabalhada no espaço da esfera pública; a centralidade das questões de gênero e sexualidade para a compreensão da própria categoria “poder”; a inclusão de questões em torno do subjetivo e do sujeito e, por último, a “reabertura” da fronteira entre teoria social e teoria do inconsciente-psicanálise.

De forma assumidamente deliberada, Hall (1996a: 269) utiliza a seguinte metáfora sobre a “irrupção” do feminismo nos Estudos Culturais e, em especial, na vida intelectual do CCCS:

Não se sabe, de uma maneira geral, onde e como o feminismo arrombou a casa. [...] *Como um ladrão no meio da noite* (grifo meu), ele entrou, perturbou, fez um ruído inconveniente, tomou a vez [...].

Embora essa versão não seja bem vista pelas feministas, tanto as do CCCS quanto as que trabalham com Estudos Culturais, vale a pena resgatá-la. Representando as feministas e em oposição ao relato de Hall, Brunsdon (1996) nomeia como importantes na reconstituição dessa trajetória trabalhos produzidos a partir de 1974, demonstrando assim a existência deste nicho de interesses dentro do Centro.

Reconstituindo, então, de uma outra forma, a história do feminismo no CCCS, Brunsdon (1996: 280) nega veementemente a versão paternalista de Hall.

Na primeira vez em que li essa avaliação, eu queria esquecê-la imediatamente. Negá-la, ignorá-la, desconhece-la – não reconhecer a agressão ali contida. Não tanto para negar que as feministas do CCCS, durante os anos 70, haviam feito um poderoso desafio aos estudos culturais, na forma como estavam constituídos naquele momento e naquele lugar, mas para negar que tivessem acontecido da forma aqui descrita [por Hall].

Apesar das divergências na reconstituição dessa experiência, o volume *Women Take Issue* (1978) é considerado o primeiro resultado prático de maior envergadura na divulgação dos trabalhos do Women's Studies Group do CCCS. Na realidade, esse seria originalmente o *11º Working Papers in Cultural Studies*, sendo que nas suas edições anteriores somente pouquíssimos artigos preocupavam-se com questões em torno da mulher. Embora somente algumas pesquisadoras estivessem em contato mais intenso com o Women's Liberation Movement, que tinha surgido no final dos anos 60, revelava-se aí uma primeira tentativa de realizar um trabalho intelectual feminista.

A preocupação original desse coletivo era ver como a categoria “gênero” estrutura e é ela própria estruturada nas formações sociais.

Argumentávamos que a sociedade deveria ser compreendida, em sua constituição, através da articulação sexo/gênero e antagonismos de classe, embora algumas feministas priorizassem a divisão sexual em suas análises (1978: 10).

Num primeiro momento, o desafio foi examinar as imagens das mulheres nos meios massivos e, a seguir, o debate travou-se em torno da temática do trabalho doméstico. Porém, grande parte da contribuição desse coletivo representava “um engajamento educativo com as difíceis categorias econômicas do marxismo” (1978: 13). De forma mais geral, esse trabalho serviu para demarcar uma área de atuação com especificidade dentro do campo acadêmico e para delinear novos objetos de estudo.

É dessa forma que se estabelece o encontro com a produção feminista. Apesar da polêmica em torno da forma como tal se efetuou, esse foco de atenção propiciou novos questionamentos em redor de questões referentes à identidade, pois introduziu novas variáveis na sua constituição, deixando-se de ver os processos de construção da identidade unicamente através da cultura de classe e sua transmissão geracional.

Em suma, no período de maior evidência do CCCS acrescenta-se ao seu interesse pelas subculturas as questões de gênero e, logo em seguida, as que envolvem raça e etnia¹⁷. Além, é claro, como já foi anotado, a atenção sobre os meios de comunicação.

A partir dos anos 80, há indícios de que a importância do CCCS como polo de difusão da proposta dos Estudos Culturais começa a arrefecer, isto é, começa a ser observada uma força de descentralização. Durante esse processo, nota-se a expansão do projeto dos Estudos Culturais para outros territórios, para além da Grã-Bretanha, ocorrendo mutações importantes, decorrentes, principalmente, de uma observação sobre a desestabilização das identidades sociais, ocasionada, sobretudo, pela aceleração do processo de globalização. O foco central passa a ser a reflexão sobre as novas condições de constituição das identidades sociais e sua recomposição numa época em que as solidariedades tradicionais estão debilitadas. Enfim, trata-se de uma ênfase à dimensão subjetiva e à pluralidade dos modos de vida vigentes em novos tempos – “New Times” (cf. HALL em MORLEY e CHEN, 1996). Assim, a agenda original foi se transformando.

Armand Mattelart e Eric Neveu (1997: 131) sugerem que um dos fatores-chave nessa reorientação se refere a uma re-

17. Entre os primeiros trabalhos, publicados pelo CCCS, que problematizam essas questões, estão: HEBDIDGE, D. (1974). “Reggae, Rastas and Ruddies: Style and the subversion of form” (*Stencilled Papers*, 24); CCCS (1982). *The Empire Strikes Back: Race and Racism in 70s Britain*. Londres: Hutchinson. Entretanto, é considerado texto de referência maior o de GILROY Paul (1987). *Their Ain't No Black in the Union Jack: The Cultural Politics of Race and Nation*. Londres: Hutchinson.

definição das modalidades de análise dos meios de comunicação social.

Se existiu uma “virada” no início da década dos anos 80, consistiu em prestar uma atenção crescente à recepção dos meios de comunicação social, tratando de operacionalizar modelos como o da codificação-decodificação.

Vale lembrar, no entanto, que a incorporação do modelo de codificação-decodificação de Hall (HALL et al., 1980), num primeiro momento, desembocou em estudos do âmbito do ideológico e do formato da mensagem, sobretudo, da televisiva. Ainda o poder do texto sobre o leitor/espectador domina essa etapa de análise dos meios, embora desafie a noção de textos mediáticos enquanto portadores “transparentes” de significados, rompendo, também, com a concepção passiva de audiência. É exemplar a esse respeito o trabalho de Morley e Brunson (1978) sobre o programa *Nationwide* que a seguir é levado em frente num estudo específico de audiência (MORLEY, 1980).

No contexto britânico, a trajetória de pesquisa de David Morley exemplifica o deslocamento da análise da estrutura ideológica de programas factuais de televisão em direção aos processos multifacetados de consumo e codificação nos quais as audiências estão envolvidas. A primeira pesquisa envolveu uma análise detalhada da estrutura interna de uma edição do programa televisivo de sucesso na época junto à sociedade britânica, *Nationwide*. Já *The Nationwide Audience* (1980) é um estudo de audiência considerado o marco inicial de uma área de investigação que se consolida como própria dos Estudos Culturais.

Assim, aos poucos, nos anos 80 vão-se definindo novas modalidades de análise dos meios de comunicação. Passou-se, então, à realização de investigações que combinam análise de texto com pesquisa de audiência. São implementados estudos de recepção dos meios massivos, especialmente, no que diz respeito aos programas televisivos. Também são alvo de atenção a literatura popular, séries televisivas e fil-

mes de grande bilheteria¹⁸. Todos eles tratam de dar visibilidade à audiência, isto é, aos sujeitos engajados na produção de sentidos. Também há um redirecionamento no que diz respeito aos protocolos de investigação. Estes passam a dar uma atenção crescente ao trabalho etnográfico.

Embora seja plausível a consideração de que a audiência estabelece uma ativa negociação com os textos mediáticos e com as tecnologias no contexto da vida cotidiana, esse posicionamento pode tornar-se tão otimista que perde de vista a marginalidade do poder dos receptores diante dos meios. A euforia com a vitalidade da audiência e, por sua vez, com a cultura popular fez com que esta fosse entendida como um espaço autônomo e resistente ao campo hegemônico. Algo que aconteceu com várias das pesquisas dessa época.

Nos anos 90, o leque de investigações sobre a audiência procura ainda mais enfaticamente capturar a experiência, a capacidade de ação dos mais diversos grupos sociais vistos, principalmente, à luz das relações da identidade com o âmbito global, nacional, local e individual. Questões como raça e etnia, o uso e a integração de novas tecnologias como o vídeo e a TV, assim como seus produtos na constituição de identidades de gênero, de classe, bem como as geracionais e culturais, e as relações de poder nos contextos domésticos de recepção, continuam na agenda, principalmente, das análises

de recepção¹⁹. Destacam-se, como ênfases mais recentes neste tipo de estudo, os recortes étnicos e a incorporação de novas tecnologias. Em relação às estratégias metodológicas, estas continuam calcadas na etnografia e na observação participante embora possam parecer mais diversificadas – (auto)biografias, depoimentos, histórias de vida.

Enfim, os estudos dos anos 90 revelam alguns dos objetivos que, com diferentes ênfases, continuarão sendo perseguidos pela linha de investigação de audiências. Ainda é cedo para elaborar um balanço deste último período; é possível apenas identificar as tendências recém-citadas.

Aqui se enfatizou essa orientação na análise dos meios de comunicação de massa – a recepção – porque a finalidade é refletir sobre a comunicação mediática como clivagem dentro do amplo espectro proposto pelos Estudos Culturais. Tal fato, de forma alguma, implica restringir o objeto de estudo do campo em torno dessa temática. Ao contrário, cada vez mais o objeto de investigação se diversifica e se fragmenta. Contudo, no ponto de encontro destas duas frentes, meios de comunicação e Estudos Culturais, identifica-se uma forte inclinação em refletir sobre o papel dos meios de comunicação na constituição de identidades, sendo esta última a principal questão desse campo de estudos na atualidade.

18. Entre os usualmente mais citados no contexto anglo-americano estão: MORLEY, David. *The Nationwide Audience*. Londres: British Film Institute, 1980; do mesmo autor, *Family Television: Cultural Power and Domestic Leisure*. Londres: Comedia, 1986; • HOBSON, Dorothy. *Crossroads: The Drama of a Soap Opera*. Londres: Methuen, 1982; • ANG, Ien. *Watching Dallas: Soap Opera and the Melodramatic Imagination*. Londres: Methuen, 1985 [originalmente, publicado em Amsterdã, 1982]; • HODGE, Bob & TRIPP, David. *Children and Television: A Semiotic Approach*. Cambridge: Polity Press, 1986; • TULLOCH, John & MORAN, Albert. *A Country Practice: "Quality Soap"*. Sydney: Currency Press, 1986; • BUCKINGHAM, David. *Public Secrets: East Enders and its Audience*. Londres: British Film Institute, 1987; • RADWAY, Janice. *Reading the Romance: Women, Patriarchy and Popular Literature*. Chapel Hill/Londres: University of North Carolina Press, 1984; • BOBO, Jacqueline. "The Color Purple: Black women as cultural readers". In: PIBRAM, Deidre (org.). *Female Spectators – Looking at Film and Television*. Londres: Verso, 1988, p. 90-109; • SEITER et al. "Don't treat us like we're so stupid and naive: towards an ethnography of soap opera". In: *Remote Control*. Londres/Nova York: Routledge, 1989.

19. Cf., por exemplo, BOBO, Jacqueline. *Black Women as Cultural Readers*. Nova York: Columbia University Press, 1994; • GILLESPIE, Marie. *Television, Ethnicity and Cultural Change*. Londres: Routledge, 1995; • GRAY, Ann. *Video Playtime: The Gendering of a Leisure Technology*. Londres: Routledge, 1992; • SPIGEL, Lynn. "The suburban home companion: Television and the neighbourhood ideal in Post-War America". In: BRUNSDON, Charlotte; D'ACCI, Julie & SPIGEL, Lynn (orgs.). *Feminist Television Criticism – A Reader*. Oxford: Oxford University Press, 1997; • LEE, Minu & HEUP CHO, Chong. "Women watching together: an ethnographic study of Korean soap opera fans in the US". *Cultural Studies* 4 (1), 1990, p. 30-44; • LULL, James. *Inside Family Viewing*. Londres: Routledge, 1990; • LULL, James. *China Turned On: Television, Reform, and Resistance*. Londres: Routledge, 1991; • HERMES, Joke. *Reading Women's Magazines*. Londres: Polity Press, 1996; • THOMAS, Lyn. "In love with Inspector Morse – Feminist subculture and quality television". In: BRUNSDON, Charlotte, Julie D'Acci & Lynn Spigel (orgs.). *Feminist Television Criticism – A Reader*. Oxford: Oxford University Press, 1997; • MANKEKAR, Purnima. "National texts and gendered lives: an ethnography of television viewers in a North Indian city". *American Ethnologist*, 20 (3), 1993, p. 543-563.

Resta dizer que, se originalmente os Estudos Culturais podem ser considerados uma invenção britânica, hoje, na sua forma contemporânea, tornaram-se uma problemática teórica de repercussão internacional. Não se confinam mais à Inglaterra e Europa nem aos Estados Unidos, tendo se alastrado para a Austrália, Canadá, Nova Zelândia, América Latina e também para a Ásia e África²⁰. E é especialmente significativo afirmar que o eixo anglo-saxão já não exerce mais uma incontestável liderança desta perspectiva. A observação contemporânea de um processo de estilhaçamento do indivíduo em múltiplas posições e/ou identidades transforma-se tanto em tema de estudo quanto em reflexo do próprio processo vivido atualmente pelo campo dos Estudos Culturais: descentrado geograficamente e múltiplo teoricamente.

Referências bibliográficas

- ANG, Ien & STRATON, Jon (1996). "On the impossibility of a global cultural studies: 'British' cultural studies in an 'international' frame". In: MORLEY, David & CHEN, Kuan-Hsing (orgs.). *Stuart Hall – Critical Dialogues in Cultural Studies*, Londres/Nova York: Routledge, p. 361-391.
- AGGER, Bem. (1992). *Cultural Studies as Critical Theory*. Londres/ Washington DC: The Falmer Press.
- BLUNDELL, Valda, SHEPHERD, John & TAYLOR, Ian (orgs.). (1993). *Relocating Cultural Studies – Developments in Theory and Research*, Londres: Routledge.
- BRUNSDON, Charlotte (1996). "A thief in the night: Stories of feminism in the 1970's at CCCS". In: MORLEY, David e CHEN, Kuan-Hsing (orgs.), *Stuart Hall – Critical Dialogues in Cultural Studies*, Londres/Nova York: Routledge, p. 276-286.
- CHEN, Kuan-Hsing (org.) (1998). *Trajectories – Inter-Asia Cultural Studies*. Londres: Routledge.
- CLARKE, John, HALL, Stuart, JEFFERSON, Tony & ROBERTS, Brian (1975). "Subcultures, cultures and class", in: HALL, Stuart e JEFFERSON, Tony (orgs.), *Resistance through Rituals – Youth Subcultures in Post-war Britain*, Londres: Hutchinson/CCCS, p. 9-74.
- DAVIES, Ioan (1995). *Cultural Studies and Beyond – Fragments of Empire*. Londres/Nova York: Routledge.
- FROW, John & MORRIS, Meghan (orgs.) (1993). *Australian Cultural Studies: A Reader*. Urbana/Chicago: University of Illinois Press.
- HALL, Stuart; CRITCHER, Chas; JEFFERSON, Tony, CLARKE, John & ROBERTS, Brian (1978). *Policing the Crisis – Mugging, the State, and Law and Order*. Londres: Macmillan Press.
- HALL, Stuart; HOBSON, Doroty; LOWE, D. & WILLIS, Paul (orgs.) (1980). *Culture, Media, Language*. Londres/Nova York: Routledge/CCCS.
- HALL, Stuart (1982). "The rediscovery of 'ideology': return of the repressed in media studies". In: GUREVITCH, M., BENNET, T., CURRAN, J. & WOOLLACOTT, J. (orgs.). *Culture, Society, and the Media*. Londres: Methuen, p. 56-90.
- HALL, Stuart (1996a [1992]). "Cultural studies and its theoretical legacies", in: MORLEY, David & CHEN, Kuan-Hsing (orgs.). *Stuart Hall – Critical Dialogues in Cultural Studies*, Londres/Nova York: Routledge, p. 262-275.
- HALL, Stuart (1996b [1980]). "Cultural studies: Two paradigms". In: STOREY, John (org.), *What is Cultural Studies? A Reader*, Londres: Arnold, p. 31-48.
- HEBDIGE, Dick (1988 [1979]). *Subculture – The Meaning of Style*. Londres/ Nova York: Routledge, .
- JAMESON, Frederic (1994). "Sobre os 'Estudos de Cultura'". In: *Novos Estudos Cebrap*, 39, 1994, p. 11-48.
- MATTELART, Armand & NEVEU, Erik (1997). "La institucionalización de los estudios de la comunicación – historias de los Cultural Studies". In: *Revista Telos*, 49, p. 113-148.

20. São indicativos dessa expansão as coletâneas organizadas nesses continentes. Exemplos da Europa e da América são desnecessários na medida em que estão na bibliografia que sustenta a presente introdução aos Estudos Culturais. Entre os exemplos da Ásia: Frow e Morris (1993), Chen (1998). Indicações sobre os Estudos Culturais na África podem ser encontradas em Davies (1995) e Wright (1998).

McNEIL, Maureen (1998). "De-centring or re-focusing cultural studies". *European Journal of Cultural Studies*, 1 (1), p. 57-64.

McROBBIE, Angela (1989). "Settling accounts with subcultures: a feminist critique". In: BENNET, Tony, MARTIN, Graham, MERCER, Colin e WOOLLACOTT, Janet (orgs.), *Culture, Ideology and Social Process – A Reader*. Londres: The Open University, [1980], p. 111-123.

MORLEY, David & BRUNSDON, Charlotte (1978). *Everyday Television "Nationwide"*. Londres: British Film Institute.

MORLEY, David & CHEN, Kuan-Hsing (orgs.) (1996). *Stuart Hall – Critical Dialogues in Cultural Studies*, Londres/Nova York: Routledge.

SCHULMAN, Norma (1999). "O Centre for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham: uma história intelectual". In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica.

SCHWARZ, Bill (1994). "Where is cultural studies?". *Cultural Studies*, 8 (3), p. 377-393.

STOREY, John (org.) (1996). *What is Cultural Studies? A Reader*, Londres: Arnold.

STOREY, John (1997). *An Introduction to Cultural Theory and Popular Culture*. Londres: Prentice Hall/Harvest Wheatsheaf.

TURNER, Graeme (1990). *British Cultural Studies – An Introduction*. Boston: Unwin Hyman.

WILLIS, Paul (1977). *Learning to Labour*. Londres: Saxon House.

WRIGHT, Handel K (1998). "Dare we de-centre Birmingham? Troubling the 'origin' and trajectories of cultural studies. In: *European Journal of Cultural Studies*, 1 (1), p. 33-56.

Women's Studies Group, CCCS (1978). *Women Take Issue*. Londres: Hutchison.

4. O PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO FRANCÊS SOBRE A COMUNICAÇÃO

Juremir Machado da Silva*

Elaborar uma síntese do pensamento francês sobre a comunicação é uma tarefa inglória. Para que o texto flua e o leitor iniciante – para quem esse tipo de texto poderá, talvez, ser útil – não se aborreça e vá procurar algo mais lúdico, será evitada uma sobrecarga de citações, apesar de que isso acarretará em falta de rigor e de precisão. Pensar com leveza exige riscos. Um desses riscos, evidentemente, é o da superficialidade. Resta crer que na superfície se escondem fenômenos profundos.

Por mais que se fale de uma "escola francesa", quase sempre com intenção pejorativa, a expressão é um paradoxo. Como homogeneizar o que é heterogêneo por definição e escolha? Como agrupar pensadores que sempre fizeram questão de combater-se? Como dar unidade ao que sempre buscou a diversidade? Como conectar o que nunca passou de simulação de rede? Como teorizar o que não se apresenta sob a forma de teoria? Como justapor recortes?

É certo que muitos intelectuais franceses, preocupados com temas como cultura de massa, indústria cultural, mídia e comunicação, estiveram próximos, participaram de grupos de estudos, fundaram revistas e compartilharam pontos de vista.

* Professor da PUCRS.